

CORPO, SAÚDE E EDUCAÇÃO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA LITERATURA ESPECIALIZADA.

Suênia de Lima Duarte¹

Maria da Conceição Lima de Andrade²

RESUMO. O objetivo do presente texto é apresentar a primeira etapa de uma pesquisa destinada a compreender o que predispõe certas pessoas a frequentarem espaços de educação não formal para a prática de atividade física. O pressuposto adotado é o de que a prática da cultura física e o cultivo do corpo em espaços não formais não são práticas naturais, mas decorrem das disposições incorporadas dos agentes e estas, por suas, dependem das posições sociais ocupadas na estrutura social. Nesta etapa da pesquisa é delineado um mapa dos estudos sobre as relações entre corpo, saúde e educação, bem como sobre os trabalhos na interface entre atividade física, educação e academia de ginástica. O resultado a que se chega é a prevalência, nos textos consultados, de um discurso calcado no tecnicismo e mais inclinado a apresentar uma visão fragmentada do indivíduo. A partir dessa perspectiva reducionista, a educação é ancorada num enfoque pautado no cientificismo e o ensino é baseado em parâmetros tecnicistas. No entanto, é possível observar também alguns estudos publicados na Revista Brasileira de Ciência do Esporte, assim como em outros periódicos especializados, que indicam possibilidades de superação dessa visão fragmentada das complexas relações entre corpo, saúde e educação.

Palavras-chave: Educação não formal. Atividade física. Academia de ginástica. Disposições culturais. Estratégias educativas.

INTRODUÇÃO

Hoje, ao observarmos os cenários sociais, encontramos pessoas caminhando, correndo, pedalando, malhando, nadando, praticando ginástica nas mais variadas modalidades tais como *jump, step, lift, spinning, pilates*, enfim, se exercitando. Atualmente, é assim que se encontram as pessoas no cotidiano, numa busca pela prática de alguma atividade física e com objetivos distintos. O que nos leva a querer saber o que motivam os indivíduos a buscarem a prática de atividades física? Que escolhas são essas que as movem

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

² Professora no Departamento de Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

todos os dias de forma rotineira à prática de exercício físico? E ainda, o que move alguém a escolher espaços de educação não formal para a prática de atividade física, como por exemplo, uma academia de ginástica?

Nesses espaços de educação não formal ocorrem processos educativos intencionais o que difere da educação que acontece em espaços informais, tais como: a casa onde mora, as praças, a igreja, o clube que se frequenta etc. Para Gohn (2006), a educação não formal ocorre em situações e ambientes interativos construídos coletivamente e a participação dos indivíduos é optativa, mas o processo educativo também poderá operar por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um. O objetivo da educação não formal é oportunizar uma formação político- sócio-cultural do indivíduo, para torná-lo um cidadão apto a viver no mundo social. Ainda de acordo com a autora (GOHN, 2011, p. 110), “na educação não formal, a cidadania é objetivo principal, e ela é pensada em termos coletivos”. Neste estudo, a academia de ginástica é, portanto, compreendida como um espaço de educação não formal.

Estudar sobre os processos educativos que acontecem numa academia de ginástica justifica-se pela pouca produção acadêmica educacional sobre o assunto, principalmente sob uma perspectiva da sociologia da educação. Justifica-se, ainda, uma vez que contribui também para o conhecimento dos modos pelos quais se organizam as concepções sobre a prática da atividade física como uma prática educativa e cultural e a construção social das disposições para um estilo de vida ativo e saudável. É preciso mencionar o fato que, considera-se, neste trabalho, que certas disposições para um determinado estilo de vida, no caso aqui, um estilo de vida ativo, obtido por meio da prática de uma atividade física, são construídas socialmente e esta construção está relacionada com a incorporação do *habitus* que, segundo Bourdieu (2004, p.26,) refere-se a um “sistema de esquemas adquiridos que funciona no nível prático como categorias de percepção e apreciação, ou como princípios de classificação e simultaneamente como princípios organizadores da ação”.

Entendendo, assim, que esse processo é uma construção social que possibilita o desenvolvimento de disposições variadas e heterogêneas e, até mesmo, concorrentes e contraditórias, podemos considerar que as escolhas, na vida de um indivíduo, não são uma determinação, mas uma possibilidade da qual ele se apropria e que vai trazer as marcas de

sua história e das relações estruturais das teias humanas em que se formou e dos processos socializadores presentes (BUENO, 2007).

Assim sendo, surgem as seguintes questões: o que predispõe certas habilidades as pessoas a buscarem espaços de educação não formal para a prática de atividade física? Quais os processos educativos presentes na constituição dessas disposições nos indivíduos que buscam uma academia de ginástica? Para tentarmos respondê-las, foi feito, inicialmente, um mapeamento sobre os trabalhos que se encontram na interface corpo, saúde e educação.

UM MAPEAMENTO SOBRE OS ESTUDOS NA INTERFACE CORPO, SAÚDE E EDUCAÇÃO

Nesta pesquisa, concebemos o corpo e a saúde em sua totalidade, compreendidos e apreendidos sem fragmentação, revelando, simultaneamente, que a prática da atividade física é decorrente de um processo educacional que alcança uma dimensão de uma educação em saúde. Carvalho (2001) afirma que tem saúde quem tem condições de optar na vida. A saúde está diretamente relacionada com as escolhas que não se restringem tão somente a poder escolher este ou aquele trabalho, realizar-se pessoal e profissionalmente com ele, morar dignamente, comer, relaxar e poder proporcionar condições de vida para os mais próximos, mas também conseguir viver dignamente com base em valores que não predominam em uma sociedade como a brasileira – excludente, individualista, competitiva, consumista.

A produção de conhecimento no que se refere ao corpo, saúde e educação estão apoiadas em um discurso fortalecido por correntes biologicistas, resquícios do pensamento higienista que prevaleceu até meados da década de 1980. A produção de conhecimento, principalmente na área da Educação Física, possui uma ascendência marcante da área médica.

Algumas pesquisas começam a surgir para problematizar acerca da compreensão de corpo, as críticas dirigem-se ao dualismo e reducionismo (SOARES, 1986; OLIVEIRA, 1986; SANTIN, 1990; SILVA, 1996; DELLA FONTE e LOUREIRO, 1997; SANT'ANNA, 1999; VAZ, 1999; NÓBREGA e MOREIRA, 1999; QUINT e MATIELLO, 1999; MEDEIROS, 1999; ANZAI, 2000; PALMA, 2001; MENDES, 2002).

As críticas dirigem-se também à indústria cultural, que determina padrões corporais a serem seguidos, como também investiga o culto ao corpo na contemporaneidade. Encontram-se ainda trabalhos que discutem as relações entre corpo e identidade nas academias de ginásticas (VAZ E HANSEN, 2006; CASTRO, 2004; ANZAI, 2000; LAUS, 2009; NOBREGA e MENDES, 2004; SAUTCHUK, 2007; CASTRO, 2007; FRUGOLI, 2004).

Outras pesquisas abordam ainda o corpo, a partir da fenomenologia (NÓBREGA e MENDES, 2004; NÓBREGA e MOREIRA, 1999; QUINT e MATIELO, 1999; MENDES, 2002) uma vez que realizam estudos na busca de compreender a relação entre corpo, natureza e cultura tecendo diálogos com outras áreas do conhecimento, principalmente à luz de autores tais como: Merleau-Ponty, Humberto Maturana, Francisco Varela, Claude Lévi-Strauss e Edgar Morin.

Até meados dos anos 1980, a saúde era vista a partir de um parâmetro de corpo atlético o qual era visto como sinônimo de saúde (GUEDES, 1984; BALDISSERA, 1982; ARAÚJO, 1980).

Surge uma discussão, principalmente a partir da década de 1990, da saúde como ausência de doença e não mais como a busca de um porte atlético e nem de estereótipos ditados como os mais adequados, mas de um peso ideal e de um estilo de vida ativo e saudável (PITANGA, 2002). Ao mesmo tempo, aparecem estudos confrontando essa visão biológica (PALMA, 2001; CARVALHO, 2001; FERREIRA, 2001; MELO, 2001).

Outros trabalhos aparecem para problematizar a compreensão do conceito de saúde, (GONÇALVES, 1996; RIGO, 1995; DELLA FONTE e LOUREIRO, 1997; PIRES et al, 1998; SILVA, 1999; QUINT e MATIELLO, 1999; RAMOS, 1999; CARVALHO, 2001; PALMA, 2001; FERREIRA, 2001). Tentando despertar olhares mais críticos à prática da atividade física, eles emergem a partir da ideia de que o esporte também traz malefícios ao corpo (BAGRICHEVSKY, PALMA e ESTEVÃO, 2003)

A saúde é reconhecida de forma fragmentada e quem não se adequar aos padrões de uma saúde idealizada, é considerado deficiente, sendo moralmente culpado, diferentemente daqueles que possuem um estilo de vida ativo. Fraga (2005) questiona tal problemática em sua tese. A fragmentação do ser humano e da realidade estampada pela necessidade de separar o bem-estar físico do mental e do social também é aprofundado em estudos. (DELLA FONTE e LOUREIRO, 1997; RAMOS, 1999; CARVALHO, 2001; PALMA, 2001).

Ao relacionar a atividade física com a educação, observaram que até meados da década de 1980 os laboratórios de fisiologia são os principais responsáveis pelas pesquisas analisadas neste contexto, e que a Educação Física se apresenta no momento como a área de conhecimento que incorpora tanto a saúde como questões referentes ao corpo, “incorpora” um conceito de educação baseada na pedagogia tecnicista, dessa forma saberes experimentais e utilitários unem-se na busca por um aprimoramento técnico, pautado no racionalismo e no cientificismo.

Como destaca Saviani (1999), a base da teoria da pedagogia tecnicista é alicerçada pela psicologia behaviorista, a engenharia comportamental, a ergonomia, a informática, cibernética, sendo influenciada pela filosofia neopositiva e pelo método funcionalista. Sob essa influência behaviorista, o objetivo das aulas de educação física, fundamentadas na pedagogia tecnicista, era o de buscar o “talento esportivo”, como demonstra no artigo de Rigo (1995).

Dessa forma, a produção do conhecimento a partir desses olhares colaborou com a emergência em atender aos cardíacos, às pessoas lesionadas no joelho, aos diabéticos, dentre outros (GOMES et al, 1981; RIBEIRO, 1982). Outros trabalhos tentam refutar esse pensamento reducionista de educação e lançam novas formas de perceber e realizar as práticas pedagógicas nesse contexto (RIGO, 1995; DELLA FONTE e LOUREIRO, 1997; QUINT e MARTIELLO, 1999; NÓBREGA e MOREIRA, 1999; ANZAI, 2000; CARVALHO, 2001; MENDES, 2002).

Diante de uma educação com princípios tecnicistas, que despreza a necessidade de reflexões, interroga-se, então, a falta de espaços para os questionamentos das concepções ideológicas de saúde, por contribuir com uma educação tida como reprodutora (DELLA FONTE E LOUREIRO, 1997).

O estudo de Quint e Matillo (1999) apresenta um conceito denominado “pedagogia da culpa e do medo”, que acusa o sujeito de ser responsável único pela sua saúde e colaborar com a regulação da vida dos indivíduos. Essa pedagogia, a partir de uma visão de aplicabilidade na prática de atividade física, adota a prescrição de exercícios de forma isolada, sem considerar o contexto social, sem levar em conta o sentido de cada atividade para o sujeito que vivencia e sem despertar a criticidade dos educandos. Passando uma forma de pensar e agir sem levar em consideração o contexto social em que este está inserido.

A educação, desse modo, é questionada por ser reconhecida como produtora de grande efeito na propagação dos ideais da promoção da saúde: uma educação que tem por meta reformular os hábitos das crianças e dos adultos, com vistas a atingir um projeto de sociedade julgado como melhor pelos intelectuais que elaboram esse modelo (ANZAI, 2000). Destacamos ainda que o Programa Agita São Paulo foi objeto de tese defendida recentemente por Fraga (2005), cuja leitura colaborou com a compreensão de que os discursos do estilo de vida ativa, presente no referido Programa, intentam o aumento de circulação de mensagens nos meios de comunicação, o aumento do conhecimento da existência desses discursos não somente no Brasil, mas em nível mundial e, paradoxalmente, não condiz com um aumento real da prática de atividade física entre a população paulista ou brasileira.

Trabalhos vêm discutindo a atividade física nas academias de ginástica, os quais identificam uma dimensão social, partindo de um processo de escolhas por este local (CRUZ, 2010; FERRETI, 2011; ALVES, 2010; FRUGOLI, 2004; PEREIRA, ARAÚJO e AZEVEDO JÚNIOR, 2006). Como também outro estudo vem abordar a questão mais organizacional e administrativa destes espaços (FURTADO, 2007; FURTADO, 2007a; CAMINHA e TEXEIRA, 2010).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Reunimos, aqui, os primeiros achados de uma pesquisa bibliográfica na interface entre corpo, saúde e educação tecendo relações com as academias de ginástica. Esse breve nos oferece um material bastante expressivo para esse momento preliminar.

Após a leitura desses trabalhos, encontramos um discurso fortalecido no tecnicismo o qual apresenta uma visão fragmentada do indivíduo ao longo de um período no qual se percebe uma busca pelos cuidados do corpo objetivando a obtenção de uma boa forma física com uma visão reducionista da saúde. A noção de educação aí embutida se encontra ancorada numa perspectiva pautada no cientificismo o qual a torna um ensino baseado em parâmetros tecnicista. No entanto, é possível observar também alguns estudos publicados na Revista Brasileira de Ciência do Esporte, assim como em outros periódicos especializados, que indicam possibilidades de superação dessa visão fragmentada das complexas relações entre corpo, saúde e educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Eduardo E. **Motivos de adesão à prática de atividade física em uma academia de ginástica e musculação na cidade de Novo Hamburgo – RS**. Novo Hamburgo, RS. 2010.
- ANZAI, Koiti. O corpo enquanto objeto de consumo. **Revista brasileira de ciência do esporte**, Vitória. v. 21, n. 2 e 3, p. 71-76, jan/maio. 2000.
- ARAÚJO, Claudio G. S. A frequência cardíaca máxima em nove diferentes protocolos de testes máximos. **Revista brasileira de ciência do esporte**, São Caetano do Sul. v.2, n.1, p.20-31, set. 1980.
- BALDISSERA, Vilmar. Desenvolvimento da capacidade aeróbica em treinamento contínuo e intervalado. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Volta Redonda, v.3, n.3, p. 106-109, maio 1982.
- BAGRICHEVSKY, Marcos; PALMA, Alexandre; ESTEVÃO, Adriana (orgs.). **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau (SC). Edibes, 2003. 191p.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BUENO, Kátia M. P. **Construção de habilidades: trama de ações e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- CAMINHA, Iraquiton O. de; TEXEIRA, Fábio L. S. A supervitalidade como forma de poder: um olhar a partir das academias de ginástica. **Movimento**, vol. 16, n. 3, Rio Grande do Sul. p. 203 – 220. 2010.
- CASTRO, Ana L. **Culto ao corpo: identidades e estilos de vida**. VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 2004.
- _____. Culto ao corpo e estilos de vida: o jogo da construção de identidades na cultura contemporânea. **Perspectivas**, São Paulo, v. 31, p. 137-168, jan./jun. 2007.
- CRUZ, Livia O. **“Eu faço por saúde”**: interconexões possíveis entre escolhas por atividades físicas e a história corporal de mulheres maduras. Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte. São Paulo, 2010.
- CARVALHO, Yara M. Atividade física e saúde: onde está e quem é o sujeito da relação? **Revista Brasileira de ciência do esporte**, Maringá, v.14, n.1, p.29-32, set.2001.

- DELLA FONTE, Sandra S; LOUREIRO, Robson. A ideologia da saúde e a Educação Física. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v.18, n.2, p.126-132, jan. 1997.
- FERREIRA, Marcos S. Aptidão física e saúde na educação física escolar: ampliando o enfoque. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v.22, n.2, p.41-54, jan. 2001.
- FERRETI, Marcos Antonio de C. **A formação das lutadoras**: Estudo sobre mulheres que praticam modalidade luta. Dissertação apresentada a Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.
- FRAGA, Alex B. **Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2005.
- FRUGOLI, Rosa. **Academia de Ginástica**: contemporaneidade, expressões corporais e sentido. VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 2004.
- FURTADO, Roberto P. **Novas tecnologias e novas formas de organização do trabalho do professor nas academias de ginástica**. 2007a.
- _____. **O não-lugar do professor de educação física em academias de ginástica**. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2007.
- GOHN, Maria G. **Educação não formal e cultura política**: Impactos sobre o associativismo no terceiro setor. São Paulo: Cortez, 2011.
- GOHN, Maria G. **Educação não formal na pedagogia social**. Ano1. Congresso Internacional de Pedagogia. Mar. 2006.
- GOMES, João L. et. al. Extensão do joelho: comparação de amplitude nas posições deitada e sentada. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, São Caetano do Sul, v.2, n.3, p.32-33, maio, 1981.
- GONÇALVES, Aguinaldo. Saúde e América Latina: contribuições conceituais e metodológicas. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v. 17, n.2, p.161-166, jan, 1996.
- GUEDES, Dartagnan P. Estudo comparativo da gordura subcutânea m escolares de diferentes estados brasileiros. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, São Paulo, v.5, n.2. p. 50-57,jan, 1984.

LAUS, Maria F. **Estudo das relações entre prática de atividade física, estado nutricional e percepção da imagem corporal em adolescentes do ensino médio de Ribeirão Preto – SP.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 2003.

MENDES, Maria I. B. de S. Corpo, biologia e educação física. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v.24, n.1 p. 9-22, set, 2002.

MELO, Victor. “Esporte é saúde: desde quando?” **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v.22, n.2, p.55-67, jan, 2001.

NOBREGA, Terezinha P; MENDES, Maria I. B. de S. Corpo, Natureza e Cultura: contribuições para a educação. **Revista Brasileira de Educação**, set/out/nov/dez, n. 27. Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação. São Paulo Brasil, 2004.

NÓBREGA, Terezinha P. MORÉIRA, Wagner W. Elementos para uma compreensão teórica da corporeidade. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v.21, n. 1, p. 1201-1207, set. 1999.

PALMA, Alexandre. Educação Física, corpo e saúde: uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 23-39, jan. 2001.

PEREIRA, Flávio M., ARAÚJO, Cora L. P., AZEVEDO JÚNIOR, Mário R. de. Atividades físicas e esportivas na adolescência: mudanças de preferências ao longo das últimas décadas. **Revista Brasileira de Educação Física**. São Paulo, v. 20, n. 1, p. 51-58, jan./mar. 2006;

PIRES, Giovani D. L. et al. Alguns olhares sobre aplicações do conceito de qualidade de vida em Educação Física/ciências do esporte. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v.20, n.1, p.53-57, set, 1998.

PITANGA, Francisco J. G. Epidemiologia, atividade física e saúde. **Rev. Bras. Ciência e Movimento**. Brasília, v.10 n. 3, jul. 2002.

QUINT, Fernando O; MATIELLO JR., Edgard. O gosto amargo do exercício como remédio nas pedagogias do medo e da culpa. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v. 21, n.1, p.61-69, set. 1999.

RAMOS, Marci G. et al. Distribuição diferencial de atividade física e sedentarismo entre homens e mulheres: estudo descritivo em alunos. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v. 21, n.1, p.795-801, set. 1999.

- RIBEIRO, Jorge P. Adaptações cardiovasculares e metabólicas ao treinamento físico de coronariopatas. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. Volta Redonda, v.3, n.2, p. 41-49, jan. 1982.
- RIGO, Luis C. A Educação Física fora de forma. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Rio Grande do Sul, v. 16, n. 2, p. 82-93, jan. 1995.
- SANTIN, Silvino. Aspectos filosóficos da corporeidade. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 136-145, jan. 1990.
- SANT'ANNA, Denise B. Das razões do culto ao corpo às condutas éticas. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v.21, n. 1, p.57-61, set. 1999.
- SAUTCHUK, Carlos E. **A medida da gordura**. O interno e o íntimo na academia de ginástica. vol. 13, n.1. Rio de Janeiro. 2007.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 32. ed. Campinas: Autores Associados. 1999.
- SILVA, Ana M. Das práticas corporais ou porque “narciso” se exercita. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v.17, n.3, p.244-125, maio, 1996.
- _____. A razão o corpo do mundo. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v. 21, n.1, p.52 – 57, set. 1999.
- SOARES, Carmem L. A educação física no ensino de 1º grau: do acessório ao essencial: **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, São Paulo, v.7, n.3, p.89-92, maio, 1986.
- OLIVEIRA, Vitor M. Ginástica para a alma, música para o corpo. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 118-123, set. 1986.
- VAZ, Alexandre F. Do culto a performance: esporte, corpo e rendimento. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v.21, n.1, p.100-107, set. 1999.
- VAZ, Alexandre F; HANSEN, R. “Sarados” e “gostasas” entre alguns *outros*: aspectos da educação de corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v.12, n. 1, p. 133-152, jan./abr. 2006.